

# **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL NAS IMAGENS: ESCOLA CRUZEIRO DOS PEIXOTOS (UBERLÂNDIA/MG - 1933-1959).**

**Angélica Pinho Martins Rocha<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia**

## **1- INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa dedica-se aos estudos das instituições escolares e tem como tema as representações produzidas pelas fotografias existentes no Arquivo Público de Uberlândia das escolas rurais de Cruzeiro dos Peixotos. O período analisado compreende os anos de 1939 a 1959, quando Jerônimo Arantes atuou na fiscalização deste estabelecimentos de ensino municipal de Uberlândia.

A questão central que norteia a pesquisa pode ser formulada nos seguintes termos: quais foram as representações elaboradas, por meio das fotografias, acerca do estabelecimento de ensino situado na zona rural, no período que compreende os anos de 1933 a 1959?

Dessa forma, o objetivo inicial desta pesquisa foi a seleção e catalogação das fotografias do estabelecimento de Cruzeiro dos Peixotos, situado na zona rural. Estas fotografias pertencem à Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA) e encontram-se depositadas no APU.

As fotografias da CPJA somam um total de 1269 imagens, dentre estas, 577 retratam ambiente escolar, pois são registros de escolas, alunos e professores dos estabelecimentos de ensino instalados no meio rural e mantidos pelo município de Uberlândia, no período de 1933 a 1959, ou seja, durante o tempo em que Arantes atuou na fiscalização dos trabalhos realizados nas escolas municipais, primeiro como inspetor de ensino, depois como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (SESM). Há também muitos retratos, somando, nesta temática, um total de 460 fotografias. As demais imagens referem-se a casas comerciais, cinemas e clubes recreativos, comunicação, esportes, eventos, fazendas e chácaras, hospitais, hotéis, igrejas, indústrias e fábricas, instituições bancárias, instituições sociais, monumentos, outras localidades, paisagens, política e políticos, pontes, estradas e rodovias, postos de gasolina, praças, recreação,

---

<sup>1</sup> Esse trabalho iniciou-se em março de 2005 sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Cristina Fagundes de Lima, sob a concessão de bolsa pela FAPEMIG/PIBIC.

residências, ruas e avenidas, serviços públicos, trabalhadores rurais, transportes e vista parcial da cidade.

Ao lado das atas das reuniões escolares, dos registros existentes na imprensa e da memória daqueles que freqüentaram a escola rural, as fotografias emergem como uma fecunda possibilidade de apreender as representações que perpassam o ensino rural no município de Uberlândia e, não obstante, ainda não tinham sido exploradas em outros trabalhos que abordaram a história da educação na cidade. Dessa forma, pensamos que o presente projeto pôde contribuir para as discussões acerca da história da educação e ampliou os horizontes de pesquisa nessa área a partir do alargamento das fontes consultadas.

Além desta relevância, que julgamos pertencer ao contexto teórico-metodológico relativo ao universo da história da educação, acreditamos que o projeto envolvendo as fotografias da CPJA, relativas à escola rural, contribuiu para a dilatação do campo de investigações acerca da história da educação no município que já vêm sendo realizadas desde a década de 1990 no interior do Núcleo de Pesquisas em História e Historiografia da Educação (NEPHE) ligado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Os pesquisadores envolvidos com o Núcleo, além do levantamento de fontes e a constituição de um banco de dados com informações sobre a história das instituições escolares e a história da educação através da imprensa, têm produzido trabalhos que visam apreender aspectos múltiplos das instituições escolares instaladas em Uberlândia e região. Para tanto, empregam fontes textuais e orais, e, com a realização deste projeto, o universo desta documentação se ampliou, uma vez que a ele foram somadas as fontes iconográficas, por meio do emprego das fotografias, o que constituiu em um campo fértil de análise dos temas até então investigados, agora ampliados com o emprego de uma outra fonte de pesquisa.

No que diz respeito à ampliação das fontes de pesquisa, pode-se assinalar que o uso das fotografias foi inserido no horizonte dos pesquisadores no contexto em que a História abria-se para incorporar temas, objetos e fontes diversificadas. Esse momento caracterizou-se pela crítica a uma corrente historiográfica de contornos tradicionais tanto na seleção dos temas (privilégio ao campo do político, apreendido por meio de fatos e personalidades isoladas) quanto na escolha das fontes e de seu tratamento (seleção de documentos textuais, de origem oficial, tais como registros cartoriais e políticos, apreendidos a partir de

uma pseudo-objetividade) e pela proposta de inovar a disciplina nos aspectos conceitual e metodológico (BURKE, 1991).

A partir de então muitos pesquisadores têm se debruçado sobre a análise da iconografia como fonte e têm também enfrentado o desafio de desenvolver trabalhos a partir do emprego de imagens, sejam elas provenientes do cinema, da pintura e/ ou da fotografia.

Perpassa essas discussões, no caso da fotografia em particular, a preocupação em tomar o seu emprego de forma crítica, atentando para o fato de que, como todo documento, as imagens precisam ser questionadas. Nesse sentido, é preciso não perder de vista as condições existentes para a produção das fotografias; é necessário saber quem são os fotógrafos, a quais interesses eles atendem; deve-se buscar a compreensão das características sócio-culturais das sociedades onde estão inseridos os sujeitos e os objetos fotografados. Em síntese, é preciso compreender que “A imagem não é uma ilustração, é um documento integral da história” (LE GOFF, s.d, p. 153).

Aceitando então o pressuposto de que o envolvimento existente entre o historiador e o passado fundamenta-se em uma perspectiva questionadora, marcada pela constante possibilidade de recompor as análises realizadas e, também, tomando como referência a compreensão segundo a qual aos testemunhos — sejam eles textuais, iconográficos ou procedentes da oralidade — subjazem motivos, intenções e desejos que concorreram para a sua produção, o diálogo proposto com as fotografias das escolas rurais depositadas na CPJA não tem a pretensão de reconstruir literalmente a realidade daquelas escolas e tampouco se pretende retratar fielmente a trajetória percorrida por aqueles estabelecimentos de ensino, seja no campo das características gerais de suas instalações seja nos domínios das questões políticas que lhes eram subjacentes.

Tentando, pois, ir ao encontro do passado de que nos fala Le Goff (1998), concomitantemente, procurando esquivar das interpretações absolutistas e, ao mesmo tempo, redutoras da realidade, nesta pesquisa elegemos como categoria de análise a noção de representações, por entendermos que esta permite apreender a história tanto em sua dimensão material quanto no seu aspecto intelectual, sem, contudo, dicotimizá-los, sem opor uma dada realidade objetiva à outra subjetivada.

Deve-se, no entanto, ressaltar que ao buscar na trama histórica as imbricações entre uma tessitura objetivada e outra de conotação mais subjetiva, não está sendo pressuposto a ausência de tensões. Ao contrário, as representações são entendidas, aqui, enquanto

processo constituinte do real por meio da elaboração dos significados que lhe dão sentidos. Ao serem compreendidas como processo, essas representações comportam dimensões conflituosas (CHARTIER, 1988).

Uma vez que partimos do pressuposto de que subjazem às representações conflitos e tensões que as caracterizam como sendo este campo de lutas de que nos fala Chartier (1988), buscamos compreendê-las como constituintes do real e não apenas como o seu reflexo. Esperamos, com o emprego desta noção, contribuir para superar a clivagem operada entre uma dada objetividade das estruturas, eleita por uma historiografia de tradição iluminista como o verdadeiro objeto da história, e a subjetividade das representações, lançada por esta mesma historiografia no limbo da pesquisa historiográfica.

As representações serão empregadas como fio condutor para se penetrar na trama pacientemente tecida pelas fotografias das escolas rurais pertencentes à CPJA. Em virtude de possibilitarem leituras múltiplas da realidade, permitindo, assim, a ruptura com um quadro epistemológico assentado em apreensões unívocas e/ ou dicotomizadas das instâncias da realidade, e também por não dissimularem as diferentes posições ocupadas pelos atores sociais e nem ignorarem os objetivos discordantes que compõem o real.

Buscamos manter o diálogo com as fontes escritas e iconográficas tendo em vista a necessidade de sempre problematizá-las, evitando com isto tomá-las como arauto da uma verdade que se acreditaria ser-lhes inerente. Partimos do pressuposto de que à produção dos textos correspondem às interdições e inúmeras representações que necessitam serem questionadas. Para estabelecer o diálogo com as fontes foi fundamental manter vivas as advertências de Le Goff, sobretudo no que diz respeito à importância de se contextualizar a documentação (LE GOFF, s,d).

Em síntese, o trabalho realizado com as fontes teve como pressuposto a necessidade de problematizá-las sempre, de não fetichizá-las, de não transformá-las em templos onde o passado estaria supostamente sacralizado. As fotografias, os livros, os jornais, os periódicos, as atas, foram tomados como pistas para analisarmos as representações das escolas rurais através da CPJA.

Dentre as várias fotografias de escolas que há no acervo de Jerônimo Arantes foram delimitadas para esta pesquisa a imagem de duas escolas, a saber: Escola Municipal Cruzeiro dos Peixotos. O critério da escolha dessa instituição esteve pautada na questão das fontes, ou seja, selecionamos a escola que apresentava a maior quantidade de fotos.

Com a finalidade de descobrir a data da fundação da Escola Rural de Cruzeiro dos Peixotos, e as discussões que giraram em torno dessa instituição, recorreremos às atas do legislativo, as atas escolares, e aos Jornais (A Escola Rural).

Para analisarmos as representações fotográficas dessas escolas observamos os seguintes aspectos: características das instalações do prédio escolar (infra-estrutura e material didático), formação escolar e desempenho dos professores, envolvimento dos alunos, participação da comunidade rural na manutenção da escola e investimentos do poder público.

## **2. O DIÁLOGO COM AS IMAGENS.**

O trabalho realizado com as fontes iconográficas teve como pressuposto a necessidade de compreender as condições de produção das imagens, o contexto no quais foram produzidas e o diálogo que é possível estabelecer entre as fotografias e a sociedade que retratam.

As imagens contêm suas características próprias, como por exemplo, o tipo de máquina que estava sendo usado, as características de filme, em que época a imagem foi retratada, se a mesma possuía flash, dentre outros fatores. Por isso “a interpretação da imagem tem de levar essas condições em consideração, bem como o estágio tecnológico alcançado pelos recursos fotográficos por ocasião da tomada”. (LEITE, 1986, p 1490). Sem perder de vista estas advertências, as fotografias emergem como uma fecunda possibilidade de apreender as representações que perpassam o ensino rural no município de Uberlândia e, não obstante, ainda não foram exploradas em outros trabalhos que abordaram a história da educação na cidade.

Considera-se na análise das imagens que o fotógrafo não é um elemento neutro diante das imagens que retrata, há um objetivo intrínseco por parte do mesmo. No caso devemos ir além das imagens, desvendar aquilo que não está posto, indagar os sentidos que lhe são subjacentes e que, no entanto, não se manifestam claramente.

Nesse sentido, a análise descritiva das imagens levou-se em conta os seguintes aspectos: ambiente da fotografia (interno, externo, edifício escolar); os sujeitos, tanto no se refere ao gênero, idade e traje quanto no que diz respeito ao modo com foram fotografados (sentados, em pé, com pose, informalmente, se estavam sorrindo, ou se todos estavam sérios); “autoridades” educacionais e políticas; mobiliário, ou seja, como eram os móveis, o modo que estes se encontravam disponibilizados no espaço, se a carteira era individual em dupla.

### 3. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA RURAL DE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS



Figura 1: Alunos da Escola Cruzeiro dos Peixotos, s.d, APU. CPJA

A foto retrata o ambiente externo, bem próximo à parede frontal do prédio. Aparentemente a foto foi tirada durante o dia devido à luminosidade aparente. O ambiente externo apresentava pavimentação, estando coberto por alguns papéis.

O prédio escolar tinha janelas grandes e largas, assim como a porta. Havia uma escada feita de cimento que dava acesso à porta. No ambiente externo constata-se a presença de bancos.

A porta do edifício escolar se encontrava-se com uma das partes fechadas, e a outra aberta. Próximo à porta havia um objeto que parecia ser um amontoado de tijolos, porém a imagem não é nítida, logo não é possível identificá-lo com clareza.

Havia cinquenta e oito pessoas presentes na foto. Apenas a autoridade/ adulta e a aluna que estavam segurando a bandeira, sorriam, porém tal ato parecia ser um pouco forçado, devido ao sorriso artificial que a aluna apresentava na fotografia.

Dos quinze garotos que estavam sentados, doze não usavam sapatos, oito usavam boina de cor clara. As vinte e cinco garotas estavam em pé, três garotas situadas no ângulo esquerdo estavam sérias. Havia duas autoridades/ adultas presentes na representação fotográfica, no fundo em uma das janelas. A aluna que estava segurando a bandeira parecia ser a maior da turma.

No que se refere ao traje dos garotos, quatorze usavam short, dois usavam calças, treze garotos usavam boina de cor clara, sete meninas trajavam saia com suspensório de cor escura. Três alunas que se localizam na parte frontal da foto são visivelmente as menores da turma, e as mesmas trajavam saia com suspensório bem acima do joelho, ao

contrário das alunas maiores que trajavam saia bem abaixo do joelho. Isso seria uma norma da escola?

As autoridades/ adultas não demonstravam usar trajes muito sofisticados, mas sim vestimentas do cotidiano.

A iluminação da foto é boa. Os sujeitos podem ser vistos de modo bem nítido. A foto aparentemente foi tirada durante o dia. As pessoas estavam distantes do fotógrafo.

Havia duas autoridades/ adultos presentes na representação fotográfica.

No fundo constata-se a presença de uma garota que segura a haste da bandeira do Brasil enquanto que uma autoridade/ adulta segura em uma das extremidades a bandeira. Pelo fato de haver a bandeira presente na fotografia, podemos crer que seria a comemoração de alguma data cívica.

#### **4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana das pessoas comuns...” (BURKE,2004). De fato, as imagens são instrumentos importantes, pois estas não revelam apenas os objetos do passado, mas também a forma como os objetos, as pessoas se encontravam organizados e imersos na sociedade.

As fotografias são os melhores meios de retratar uma determinada cultura, local, época, no entanto o grande desafio para os historiadores é saber até que ponto essas imagens necessitam ser interrogadas, pois as fotografias assim como as fontes textuais têm as suas “fragilidades”. Devemos estar cientes de que para interpretar a mensagem que a imagem nos transmite é necessário estarmos familiarizados com os códigos culturais de uma dada época, cultura, por exemplo.

O uso das representações fotográficas como fonte para a pesquisa desenvolvida é um prisma ainda pouco explorado pelos pesquisadores, que se dedicam a história da educação em Uberlândia, o que torna essa pesquisa inédita em contexto local.

Um dos grandes desafios desse estudo foi encontrar a data correta em que as escolas foram fundadas. Apesar de consultarmos as atas escolares, não obtivemos a resposta, pois, percebemos que este documento oferecia algumas lacunas, uma vez que se encontram arquivadas no APU apenas atas escolares produzidas a partir do ano de 1931. As atas do legislativo, embora com numeração mais regular, não informam o ano em que foram construídos os edifícios escolares.

Através das representações fotográficas e dos documentos escritos pode-se perceber o “descaso” que as autoridades públicas tinham com o ensino rural. Outro ponto

observado nas fotos foi a quantidade irrisória de alunos negros na Escola Rural de Cruzeiro dos Peixotos, apenas três. Essa ausência dos alunos de cor negra não era exclusividade da escola em questão, pois conforme analisa Vidal:

Em todas as escolas era, geralmente proibida a frequência de crianças negras, mesmo livres, até pelo menos a metade final do século XIX, o que não impedia, todavia, que elas tomassem contato com as letras e, às vezes fosse instruídas, sobretudo em um modelo mais familiar ou comunitário de escolarização. (VIDAL, 2005, p.46).

Observamos que tanto as atas, quanto os termos de visitas elaborados pelo Inspetor de Ensino Jerônimo Arantes, tinham um caráter meramente burocrático, o pedagógico não era enfocado. Enfatizava-se muito a questão do horário, do programa a ser cumprido pelo professor, a análise da letra dos alunos e professoras, higiene dos discentes, dentre outros aspectos...